

# VOZES FEMININAS COMO REGISTRO LITERÁRIO E POLÍTICO NO CONTEXTO AFRICANO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Ximenes Gomes de Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo

No presente estudo, procuro investigar os registros literários de antologias e revistas dos países africanos de língua portuguesa, observando escritoras africanas como um dos elementos principais da resistência revolucionária no processo de independência e como a tradução é manipulada a partir de indicativos de mercado por parte das editoras e da crítica. Além disso, a análise de produções dos escritores locais é fundamental para entender como a imagem da mulher foi construída e deturpada, principalmente pela dificuldade de publicação no meio literário. A produção feminina de autoras como Paula Tavares, Alda Lara, Orlanda Amarilys, Noémia de Sousa e Paulina Chiziane, apresenta a mulher falada por ela mesma, deixando de ser um “falar sobre”, a partir de uma autoria masculina. Ademais, torna-se válido, também, explorar a questão da língua nestes países, que apresenta, ao mesmo tempo, uma unificação e uma dispersão interna, considerando as dificuldades de alcance abrangente pela tradução literária e cultural. Para tanto, terei como ponto de partida as contribuições de FONSECA (2008) apresentando um panorama da importância destes registros e o resgate histórico que estes representam. Para abordar as questões da formação/manipulação do cânone literário e da tradução, serão expostas as discussões levantadas por BOURDIEU (1998) e CASANOVA (2002), no que consiste a ligação entre cânone e o lugar que se fala e a notória presença do capital cultural como distinguidor de classe social e a posse de informações.

Palavras-chave: Tradução literária; Autoria feminina; Cânone

## INTRODUÇÃO

Quando pensamos em literatura universal naturalmente “temos” que pensar no campo da tradução como mediadora nesta relação entre obra e público. A tradução cultural fica, assim, ainda mais profunda e complexa quando se deseja entender a atuação e manipulação das obras e dos discursos produzidos neste meio relacional, literário e político. O poder, linguístico e cultural, está inserido nesta relação de força, criada entre os países e culturas, disputando e manipulando os conceitos literários que vigoram no âmbito da “universalidade”.

As discussões acerca da sociologia da tradução, atualmente, se alicerçam na teoria de Pierre Bourdieu que demonstra uma lógica relacional nos estudos tradutólogos, onde se torna necessário observar as características contextuais, tanto da

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB

cultura-alvo como no país de origem de tal literatura. Além disso, é visto ainda que a relação de conceituação qualitativa da literatura, universalizada, passa por critérios bem mais objetivos e maniqueístas neste processo mercadológico, transformando-a prioritariamente numa disputa de forças políticas e de mercado a ascensão de uma determinada cultura transposta na literatura de seu país de origem.

Pascale Casanova em seu livro *A República Mundial das Letras* demonstra um mercado de regras e leis internas que inserem ou excluem obras no cânone literário universal: “A consagração de um texto é a metamorfose quase mágica de um material comum em ‘ouro’, em valor literário absoluto.” (2002, p.162)

Casanova mostra a necessidade de um texto passar por uma leitura/tradução da cultura europeia, de modo geral, para que tenha possibilidades de conquistar sua consagração enquanto objeto literário no mercado canônico. A cidade de Paris é vista como a “capital do universo literário” (CASANOVA, 2002, p.162) que participa ou dita as “normas” para que este *universo* seja preenchido. Neste sentido, as literaturas dos países não-europeus, como da latino-américa e da África, são profundamente atingidos nesse processo de exclusão mercadológica que invade a noção da arte literária no mundo. Para territórios como estes citados existem barreiras culturais e geográficas que muitas vezes impedem que uma obra seja considerada literária, com qualidade elevada, se não for traduzida para línguas com alto poder intelectual. Segundo a autora,

A crença no *efeito* da capital das artes é tão poderosa que não apenas os artistas do mundo inteiro aceitam sem reservas essa primazia parisiense, como também, dada a extraordinária concentração literária que disso resultou, ela tornou-se o lugar a partir do qual, julgados, criticados, transmutados, os livros e os escritores podem se desnacionalizar e assim tornar-se universais. (CASANOVA, 2002, p.162)

Diante disso, irei mais adiante discutir a importância da autoria feminina nos países africanos de língua portuguesa, que passaram/passam por um projeto literário necessariamente de cunho político e identitário.

## **A EXPRESSÃO POLÍTICA EM LITERATURAS AFRICANAS**

A literatura como força de expressão política age numa cultura como mecanismo de construção de identidades. Atuando com outras expressões culturais, a escrita pode explorar o que o indivíduo vivencia e projeta de seu passado, presente e futuro. Para muitos, a literatura apresenta como “função” a própria aquisição do conhecimento, se

encerrando em si mesma. Para outros, nem mesmo a ideia de “função” é cabível de existência no conceito literário.

As literaturas africanas se constituem entre um *dilema* estrutural: projetar as subjetividades de cada autor e afirmar a relação de alteridade da memória comunitária, como aponta Francisco Noa (2012, p.112). Devido a formação do terreno mercadológico mundial da literatura, em que existe pré-estabelecido leis internas que regem esse mercado, produzindo demandas e ofertas de obras mundialmente reconhecidas, sempre existiu um olhar de subalternidade sobre as literaturas africanas, e da america-latina, pela vista do europeu, como mostra o pesquisador Beijamim Abdala Junior:

Falar de eurocentrismo não significa discutir a qualidade e a relevancia dos saberes de origem europeia, mas simplesmente a pretensão de que eles tendem a ser sempre universais e superiores aos saberes criados pelos grupos humanos espalhados pelo planeta. Olhares de alguma forma associados ao mito eurocêntrico estão em toda parte, de forma evidente ou implícita, realizando uma classificação de culturas e espaços. (2012, p.69)

Considerando esta visão eurocêntrica, principalmente sobre África, torna-se necessário um posicionamento autônomo na literatura destas culturas secundarizadas. Nos países africanos de língua portuguesa o projeto literário nasceu como uma forte ação política, principalmente pelo fato de estes países terem tido uma colonização bastante usurpadora culturalmente e uma descolonização tardia, com relação às colonizações inglesas e francesas.

Apesar de ter seu início ainda vinculado a uma alienação por parte do modelo europeu de escrita, extraíndo os moldes literários, no geral, a literatura construída destes países africanos foi gradativamente aparecendo como um expositor principal das características culturais e identitárias de um povo, reformulando uma identidade nacional. Como fala a pesquisadora Maria Nazareth Fonseca, em seu texto *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* [autora também do livro: *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Percursos da memória e outros trânsitos*]:

Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o escritor africano vivia, até a data da independência, no meio de duas realidades às quais não podia ficar alheio: a sociedade colonial e a sociedade africana. A escrita literária expressava a tensão existente entre esses dois mundos e revelava que o escritor, porque iria sempre utilizar uma língua europeia, era um “homem-de-dois-mundos”, e a sua escrita, de forma mais intensa ou não, registrava a tensão nascida da utilização da língua portuguesa em realidades bastante complexas. (FONSECA, p. 1-2).

Falando de Brasil, Antônio Candido (2012), no seu livro *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, aponta que o país teve o seu projeto estético-literário construído como uma síntese de tendências globais e particulares. Com relação aos países de África, de colonização portuguesa, além desta assimilação, prioritariamente alienada e depois crítica, estes países tiveram uma reconstrução de seus elementos culturais nos registros literários assiduamente políticos e históricos. Não só assumindo o papel imaginativo da criação literária, tal arte também tinha a função de registrar e desmitificar um imaginário construído pela voz do colonizador sobre a cultura nativa e seus costumes, assumindo o escritor sua postura de nacionalidade no período pós-independência.

Como mostra Maria Nazareth Fonseca, citando Manuel Ferreira (1989), este processo se deu em quatro momentos históricos:

No primeiro, destaca o teórico que o escritor está em estado quase absoluto de alienação. Os seus textos poderiam ter sido produzidos em qualquer outra parte do mundo: é o momento da alienação cultural. Ao segundo momento corresponde a fase em que o escritor manifesta a percepção da realidade. O seu discurso revela influência do meio, bem como os primeiros sinais de sentimento nacional: a dor de ser negro, o negrismo e o indigenismo. O terceiro momento é aquele em que o escritor adquire a consciência de colonizado. A prática literária enraíza-se no meio sociocultural e geográfico: é o momento da desalienação e do discurso da revolta. O quarto momento corresponde à fase histórica da independência nacional, quando se dá a reconstituição da individualidade plena do escritor africano: é o momento da produção do texto em liberdade, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado. (FONSECA, p. 2).

A língua portuguesa, ao mesmo tempo em que unifica estes países africanos, também os dispersa internamente. Uma realidade da maioria destas nações, como Moçambique e Guiné Bissal, é não ter a maioria dos seus falantes usando o português, e muitos deles ainda não possuem uma forma escrita para as muitas línguas locais. Assim, a questão linguística dificulta a formação e afirmação, principalmente na política externa, de uma identidade nacional, pois muitas vezes impossibilita a criação dos seus registros identitários. Neste sentido, o projeto literário atua nesta formação da identidade. Na maioria dos países africanos de língua portuguesa, o resgate das produções do período colonial se deu a partir de antologias, jornais e revistas, suportes que foram fundamentais para construir a ideia de um processo histórico do projeto literário de cada país. Segundo FONSECA (2008) tem-se documentos como: A revista *Clareza*, em 1936, em Cabo Verde; A publicação do livro *Ilha do nome santo*, em 1943 de Francisco

José Tenreiro, de São Tomé e Príncipe; O Movimento dos Novos Intelectuais de Angola e as revistas *Mensagem* e *Cultura*, no final da década de 1940 e início de 1950; Os jornais *O Brado Africano*, *Itinerário* e *Msaho*, em Moçambique; A publicação da antologia *Mantinhas para quem luta!*, de 1977, na Guiné-Bissau.

O primeiro número da revista *Mensagem* vem com um poema de abertura da poetisa Ermelinda Xavier:

Avante, irmão, demos as mãos  
e começemos a nossa jornada  
vamos buscar os outros irmãos  
que hesitam em dizer sua mensagem. (FERREIRA, 1988, apud, FONSECA, 2008, p. 33).

Não é por acaso que a abertura vem com este poema, pois simboliza bem a chamada aos escritores para a missão de construir uma nova identidade realmente própria do povo africano, livre daquela formada pela visão do colonizador. Nota-se, portanto, que as antologias e revistas tinham essa mensagem, de reconstrução, luta e resistência política.

É através de produções de escritores e escritoras locais, também, que se pode entender como a imagem da mulher foi construída e deturpada, principalmente por uma literatura escrita por homens, nessas culturas. O lugar destinado a autoria feminina foi questionada e reconfigurada a partir do espaço conquistado dentro do meio literário pelas escritoras dos países africanos em questão.

[...] a análise dos textos produzidos por escritoras africanas pode se reverter em importante material que nos informa sobre o modo como a imagem de mulher circula na literatura – produzida por homens, na maioria das vezes – padecendo de ‘uma figuração que não é individualizada enquanto se sociopsicológico cultural’. (FONSECA, 2008, p. 94).

Segundo o mapeamento feito por FONSECA (2008), a presença de escritoras nas antologias e revistas africanas, do projeto literário pós-colonial, ainda é muito pequena, quando comparada à presença dos homens. Além de Amarilis em Cabo Verde, podemos citar também Alda Lara e Paula Tavares (Angola), Vera Duarte (Cabo Verde), Noémia de Sousa (Moçambique), Alda Espírito Santo e Conceição Lima (São Tomé e Príncipe). Vê-se que a mulher, neste contexto, tem de enfrentar uma dupla discriminação. Primeiro pelo viés político, de lutar contra as consequências causadas pelo colonizador do período colonial, e segundo pela questão social e de gênero, em que não só a sociedade da metrópole portuguesa oprime, mas também a própria sociedade africana, gerida por homens, exclui e emudece o sexo feminino.

## A PRODUÇÃO DAS ESCRITORAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Orlanda Amarilis é uma escritora nascida em Assomada, Santa Catarina, em 1924. Formada em Lisboa, Amarilis reflete em sua escrita a vida contemporânea, com sua visão espelhada de dois mundos. Com isso seus contos constroem uma ideia sobre sua cultura e costumes, sem desconsiderar a existência de outras culturas de países não africanos. A autora apresenta a mulher cabo-verdiana, a partir da metáfora da insularidade. Vivendo com a figura do homem como eixo central de sua vida, convivem (assim como as ilhas, geograficamente falando) com espaços limitados, criando um contexto prisional, sendo as chamadas “mulheres-sós”, como fala Maria Nazareth Fonseca<sup>2</sup>.

Ana Paula Tavares, angolana, é formada em História na universidade de Lisboa; Com mestrado e doutorado em literatura de língua africana, ensinando na mesma universidade portuguesa, tem em sua temática a presença marcada do pós-colonialismo, como pode ser visto no fragmento retirado do livro *O sangue da buganvília: crônicas*: “É preciso que a palavra acolha esta mais-valia de tantos anos de espera e silêncio e se solte e proteste e renasça na plantação das consciências.” (TAVARES, 1998, p.33).

O poema a seguir representa esta identidade machucada e roubada do período colonial:

(SEM TÍTULO)

As coisas delicadas tratam-se com cuidado

(Filosofia cabinda)

Desossaste-me  
cuidadosamente  
inscrevendo-me

no teu universo  
como uma ferida  
uma prótese perfeita  
maldita necessária

conduziste todas as minhas veias  
para que desaguassem  
nas tuas

sem remédio  
meio pulmão respira em ti  
o outro, que me lembre  
mal existe

<sup>2</sup> No artigo “PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA”, acessado em 30/11/2014, no endereço: [http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf).

Hoje levantei-me cedo  
pintei de tacula e água fria  
o corpo aceso  
não bato a manteiga  
não ponho o cinto

VOU

para o sul saltar o cercado (TAVARES, 1985, p.  
30-31).

Nos primeiros versos, observa-se a usurpação da cultura colonizadora na cultura angolana. A palavra *desossaste-me* demonstra a ideia de desconstrução do ser para se reconstruir aos moldes impositores. O termo *cuidadosamente* pode ser entendido como uma ironia, quando a poetisa mostra a questão da alienação cultural que foi pretendida pela metrópole, aniquilando o universo cultural africano. Em “*conduziste todas as minhas veias/ para que desaguassem/ nas tuas*” é visto como uma cultura dominante pode realizar um caráter sugador na outra, extraindo toda a produtividade física, intelectual e cultural que são elementos vitais de uma sociedade e de uma identidade nacional, como o sangue que circula nas veias do ser humano.

É com a imagem de inferioridade que tanto o povo destas colonizações, como a mulher, mais restritamente, nestas culturas, foram silenciados. No caso do feminino, ao tratar como um ser submisso, ou mesmo que não é capaz de contar sua própria história, abre-se espaço para que falem por ela. Eis, então, a validade das produções de tais escritoras citadas, dentre outras conhecidas ou desconhecidas socialmente. Quando se lê uma escritora como Ana Paula Tavares ou Ermelinda Xavier, não é somente a voz delas que se ouve, tem-se também uma voz coletiva, uma voz de todas as mulheres diariamente vivendo num sistema opressivo e desigual.

Outra escritora que explora bem a condição feminina, agora no contexto de Moçambique, é Paulina Chiziane. A literatura de Chiziane contém uma escrita sobre o país moçambicano a partir do viés da condição feminina, da visão do feminino como forma de transpor a estruturação sócio-cultural da região. Moçambique, assim como a maioria dos países de África, tem uma sociedade muito presa às raízes culturais da tradição, apesar de ter uma forte invasão da cultura judaico-cristã assimilada do colonizador. A figura feminina nesse contexto participa de forma secundária na hierarquia do gênero patriarcal. Entretanto, pode-se inferir, a partir do conjunto da obra de Chiziane, que a mulher existe, de certa forma, como figura central da sociedade, mesmo dependendo do poder da autoridade masculina, pois a fecundidade, a fertilidade,

a sorte e o azar, a felicidade e as desgraças, divinas ou dos homens, se envolvem com o feminino, negativa ou positivamente. A partir de literaturas como esta, ver-se que o poder feminino supera misticamente todas as intervenções que o masculino deseje causar na sociedade africana, de um modo geral.

Textos como estes abrem um novo leque de discussões para teorias e estudos já canônicos, pois são produções que rediscutem um olhar já consagrado de normalidade. Por isso, para um aprofundamento e entendimento de tais obras é preciso ter ciência de teorias que sejam construídas através de um olhar de margem, descaracterizado da visão de centro. A teoria pós-colonial tem seus adeptos principalmente pelo viés político e social deste tipo de literatura. Questões como raça e identidade cultural, assim como o hibridismo discutido neste contexto de pós-colonialidade, permeiam os estudos crítico-teóricos. É preciso ampliar conceitos já normatizados, como de unidade social, de reconhecimento no outro e luta, que se constrói também a partir do conceito de raça. Em *Na casa de meu pai*, Appiah (1997) cita o escritor Du Bois:

[...] as pessoas são membros da mesma raça quando têm traços em comum, em virtude de haverem descendido basicamente de pessoas de uma mesma região. Esses traços podem ser físicos (donde os afro-americanos serem negros) ou culturais (donde os anglo-americanos serem ingleses). Focalizando-se um único tipo de traço – ‘as diferenças mais grosseiras de cor, cabelos e ossos’ -, chega-se aos ‘brancos e negros, possivelmente à raça amarela’ a ‘última palavra da ciência até agora’. Focalizando-se um traço diferente – a língua ou os costumes comuns -, chega-se aos povos teutônicos, eslavos e românicos. A tensão da definição de raça de Du Bois reflete o fato de que, para fins da historiografia europeia (da qual sua formação em Havard e na universidade de Berlim o havia conscientizado), era este último que importava; mas, para fins da vida social e política norte-americana, era o primeiro (APPIAH, 1997, p. 60).

É através de traços biológicos, sociais, políticos e antropológicos, que um grupo de indivíduos cria uma identificação. No caso africano dos países citados, as mulheres se identificam pela luta da independência, as conquistas para o país do pós-colonialismo, e as relações de gêneros, que impedem que estas produzam literariamente e que as que às vezes conseguem produzir, não atinjam um espaço de publicação mercadológica.

Por mais que seja um tema bastante debatido pelos estudos feministas na contemporaneidade, assim como pelos estudos pós-coloniais, a imagem da mulher nestas sociedades sempre está inserida num paradoxo constante. Ao mesmo tempo em que estas são caladas socialmente, devendo ter uma vida restrita aos direitos e posições

na sociedade, as mesmas têm uma importância sempre presente na formação do modelo familiar, ficando com a ocupação comunitária de passar narrativas que fortalecem e ensinam a própria história das comunidades. Elas são responsáveis por cuidar dos ensinamentos ancestrais através da contação de histórias, mas não podem ocupar o status de contadoras de narrativas na sociedade, o que confirma a importância das autorias femininas no ambiente literário. Segundo SPIVAK:

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (2010, p. 66 - 67).

Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?* (2010), apresenta a discussão do pós-colonialismo a qual a mulher se encontra duplamente interdita. O intelectual (homem) não poderá falar por quem faz a ação (neste caso, a mulher), eis uma das grandes discussões para os estudos feministas pós-coloniais, ‘falar por’ é diferente de ‘falar sobre’. O que a sociedade colonial e a sociedade africana, guiadas pelo falocentrismo, sofreram foi esta inversão camuflada, que faz com que conceitos e construções basilares sobre a identidade destas sociedades sejam vendidos erroneamente. Como diz Spivak (2010), “Com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação” (p. 66). A dificuldade, ou até impossibilidade em algumas circunstâncias, de conhecer a luta e a história africana através da intelectualidade feminina advém desde a formação desta, pois se o acesso à educação para a população, desprovida, muitas vezes, de recursos estatais para educação pública, é restrito, para a mulher se torna ainda mais distante, seja por motivos sociais e econômicos, seja por motivos culturais e políticos.

Portanto, o material literário produzido é visto como objeto que transcende a arte e o fazer criativo descompromissado, que muitos atribuem à produção artística. Firma-se como meio único de ação e desconstrução desse lugar de “subalterno” mitificado pelo patriarcalismo vigente. Foi o período pós-independência que cedeu lugar a questionamentos mais cirúrgicos da sociedade africana internamente pelas escritoras mulheres, também militantes contra o colonialismo. Essa conquista na luta colonial fez

com que os valores internos fossem questionados, visualizando e discutindo o lugar de subalternidade destinado ao feminino. Livros como *Ritos de passagem*, de Paula Tavares (1985); *Amanhã amadrigada*, de Vera Duarte (1993); e *Balada de amor ao vento*, de Paulina Chiziane (1990), são exemplos desse período de produções.

Não só no campo dos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), mas também no contexto brasileiro ou de América Latina, a condição de subalternidade é referida à imagem da mulher. Como fala Gotlib<sup>3</sup>

A condição de subordinação da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal de passado colonial, tal como noutros países da América Latina colonizados por europeus, deixou as suas marcas. Talvez a mais evidente delas seja a do silêncio e a de uma ausência, notada tanto no cenário público da vida cultural literária, quanto no registro das histórias da nossa literatura.

A reconstrução e consciência de uma identidade nacional dos países ex-colônias de Portugal foi realizada através de um processo diário de resistência, protagonizado também por mulheres. Ana Paula Tavares além de usar a temática da pós-colonialidade em sua poesia, aborda também a temática do feminino, mais especificamente a mulher africana, suas particularidades, metamorfoses e lutas subjetivas como sujeitos de uma sociedade falocêntrica. Falar sobre o corpo feminino e suas transformações repercutidas no âmbito social faz parte de uma luta feminista de valorização do ser, desconfigurando-o como um ser-objeto (ou ferramenta) e abordando-o como um ser autônomo e grandioso, como se observa no poema a seguir:

### **A abóbora menina**

Tão gentil de distante, tão macia aos olhos  
vacuda, gordinha,  
de segredos bem escondidos  
estende-se à distância  
procurando ser terra  
quem sabe possa  
acontecer o milagre:  
folhinhas verdes  
flor amarela  
ventre redondo  
depois é só esperar  
nela deságuam todos os rapazes. (TAVARES, 1985, p. 18).

<sup>3</sup> Disponível em <<http://minhateca.com.br/marcelino49/Documentos/Livros%282%29/Nadia+B+Gotlib+-+A+Literatura+Feita+Por+Mulheres+No+Brasil,4269136.doc>> Acesso em 30/11/2014.

Neste poema, a autora expõe como essas metamorfoses relacionadas ao corpo valorizam a mulher mostrando a fundamental importância que esta ocupa na estrutura social relacionada com a natureza dos indivíduos. O poema faz um entrelaçamento de características da natureza fértil com a mulher e seu processo de gestação, transformações que fazem uma alusão ao crescimento de uma planta.

Com isso, percebe-se o papel ocupado e reivindicado pelas mulheres, escritoras e contadoras de histórias nos países africanos de língua portuguesa. Um lugar fortemente negado pelo patriarcado e pela colonização, porém conquistado para construir uma feminilidade nacional, com características que envolvem costumes, cultura e ações políticas em meio à situação social desses países.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ABDALA JUNIOR, Beijamim. Liminaridades identitárias: para uma geocrítica do eurocentrismo (Notas críticas). In: *África: dinâmicas culturais e literárias*. Organizadores: Maria Nazareth Soares Fonseca e Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012, p. 66-87.

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. 1. ed.- Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Panorama das Literaturas africanas de língua portuguesa*. Disponível em <[http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf)>, acesso em: 30/11/2014.

NOA, Francisco. A narrativa moçambicana contemporânea: o individual, o comunitário e o apelo da memória. In: *África: dinâmicas culturais e literárias*. Organizadores: Maria Nazareth Soares Fonseca e Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012, p. 108-122.

SPIVAK, C. G. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Gular Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAVARES, Ana Paula. *Ritos de passagem*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

\_\_\_\_\_. *O sangue da buganvília*. Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.